

Caderno de Resumos

O Cosmo Pré-socrático

17 a 19 de junho de 2024

Organizadores

Alexandre Costa (Professor PFI-UFF)

Bruno Fernandes (Doutorando PFI-UFF)

Apoio

Programa de Pós-graduação em Filosofia – PFI-UFF

Aporia – Laboratório de Filosofia Antiga e Recepção (UFF)

17 de junho

14h

Abertura

14h-14h40

Rafel Viegas (PFI-UFF/PPGHIS-UnB) e Wallace Pontes (PPGLC-UFRJ)

A filosofia antiga nos prefácios do Renascimento: a primeira doxografia pré-socrática de Henri Estienne

No âmbito de um projeto de tradução dos prefácios de diversas *editiones princeps* dos séculos XV e XVI com textos filosóficos provenientes da Antiguidade (entre eles, os de Aldo Manúcio para as obras de Aristóteles), apresentaremos um primeiro exemplo traduzido e comentado, a *Poesis philosophica...*(1573), de Henri Estienne.

14h40-15h20

Étienne Ménard (Université de Franche-Comté)

The Problem of Solid Sky in Anaximenes

In various ways, doxographical accounts attributes the mythical idea of a solid sky to many pre-Platonic physicists (Anaximander, A10; Parmenides A37.1; Empedocles A51; Leucippus, A1, § 32). It does, however, pose serious problems of interpretation for several of these authors, and sometimes appears to be in conflict with other elements of their doctrines, especially their conception of the distribution of matter in the cosmos. To this extent, its examination could provide an interesting starting point for a more precise analysis of these elements. In the case of Anaximenes, the idea that the stars are "fixed like nails in a kind of crystal" (A14.2), at least since Tannery, has raised difficulties. Indeed, Anaximenes' theory of change posits that the air, by condensing, becomes cold, and gets warmer by rarefying, producing respectively the Earth, gathered at the center of the universe, and the fire constituting the heavenly bodies: the possibility for the sky and the stars to be conceived by Anaximenes as solid bodies thus contradicts their heat. I would like to show that there are good reasons to think that the sky was genuinely regarded by Anaximenes as solid, and that this so-called contradiction lies on several presuppositions—mainly the assumption that his cosmogony involves a sieving of the elements according to their respective density. This will lead me to some conclusions regarding Anaximenes' cosmogony, his theory of change and his conception of matter.

15h20-16h

Alexandre Costa (PFI-UFF)

De sol a sol – sobre grandezas, medidas e suas correlações: perspectiva e perspectivismo em Anaxímenes e Heráclito

Em seu escrito tradicionalmente conhecido como “Opiniões dos filósofos”, Aécio reuniu Anaxímenes e Heráclito em dois testemunhos em torno ao Sol e à sua magnitude. Historicamente, essas passagens, reconhecidas como fragmentos originais de suas obras perdidas – respectivamente DK 13 B2a e DK 22 B3 –, são consideradas em seu teor propriamente cosmológico e mesmo astronômico. Contudo, um cotejo entre elas mostra que o Milésio e o Efésio perfilam ali não apenas na tematização do Sol, mas na questão das ideias de grandeza e de medida em geral, tomando o grande astro como exemplo demonstrativo de que (a) a ideia de grandeza sempre se dá num jogo de contrastes e, portanto, estabelece sempre correlações; (b) que é este jogo correlacional aquilo que efetiva e precisa a noção de “medida” e que, por fim, (c) a impossibilidade de postular e defender uma grandeza ou medida absoluta ou “em si” obrigaria à realidade da perspectiva e, por extensão, daquilo que hodiernamente denominamos “perspectivismo”. Diga-se ainda, que os dois fragmentos em questão, usualmente pouco estudados, antecipam em longa data a célebre sentença de Protágoras, consoante a qual “o ser humano é a medida de todas as coisas”.

Palavras-chave: Anaxímenes; Heráclito; Aécio; Sol; Medida; Perspectivismo.

16h-18h

Discussão

18 de junho

14h-14h40

Luan Reboredo (Doutor em Filosofia pela UFRJ e em *Études grecques* pela Sorbonne Université)

Os sentidos do termo κόσμος nos primórdios da filosofia grega

Admite-se comumente que o termo κόσμος, significando inicialmente “ordem”, passou a significar “mundo” entre os séculos VI e V a.E.C., como atestaria Xenofonte ao afirmar que ninguém nunca viu Sócrates “examinando como se porta [*hópōs ... ékhei*] aquilo que os doutos [*hoi sophistai*] chamam de cosmo [*kósmos*]” (XEN. Mem. 1.1.11). Essa passagem atesta, com efeito, que houve uma transformação semântica do termo κόσμος que foi percebida como uma inovação na Atenas do século IV a.E.C. No entanto, uma análise mais detida dessa passagem e dos empregos posteriores do termo κόσμος pelos filósofos indica que “mundo” não é o único sentido técnico possível, já que, historicamente, κόσμος foi empregado não apenas para designar [i] o conjunto formado pelo céu, pela terra e por tudo que está contido neles (cf. PS.-ARIST. *Mund.* 2, 391 b 9–12), [ii] o conjunto das quatro massas elementares (fogo, ar, água, terra) que, dispostas proporcionalmente umas em relação às outras, constituem o corpo do universo (cf. PLAT. *Tim.* 32a7–c8) ou mesmo [iii] cada uma das cinco partes (i.e., os cincokósmoi: fogo, ar, água, terra e luz/éter) que comporiam a unidade cósmica (cf. PLUT. *E apud Delph.* 11, 389F3–390A6), como também para designar [iv] o céu (cf. D.L. *Vitae.* 8.48, 552–559) ou [v] a parte superior do céu que envolve os astros, a terra e

todos os fenômenos (cf. D.L. *Vitae*. 10.88, 1033-1036 = EPIC. *Ep.* 3). Considerando essa variação semântica historicamente atestada, proponho uma análise contextualizada dos usos do termo κόσμος nos vestígios remanescentes dos pré-socráticos com o objetivo de pôr à prova a hipótese segundo a qual κόσμος significa “mundo” nos primórdios da filosofia grega.

14h40-15h20

Jonathan Almeida (Doutorando PFI-UFF)

O Cosmo em Heráclito: composição por contradição

O objetivo da presente comunicação é discorrer sobre o tema do cosmo em Heráclito. Para tanto, além das ocorrências do termo *kósmos*— fragmentos B30, B65, B89 e B124 —, acredito que, no mínimo, quatro veredas interpretativas são possíveis para nos conduzir a uma *aproximação* do pensamento do Efésio. Em resumo, podemos nomear esses caminhos como (1) o ininterrupto fluxo cósmico; (2) a *hamornía*: composição por contradição; (3) o incontornável *lógos* e; (4) o fogo. Para o desenvolvimento desses tópicos, teremos em reverberação a sonância da mudança como lugar comum de todo o cosmo, pois se as famosas imagens das águas dos rios e/ou dos mares desvelam a fluidez do cosmo, que se harmoniza com a modificação que o próprio fogo realiza nos corpos, estes em constante contradição, acende-apaga / vive-morre — como leitura de tudo que está em permanente fluxo. Assim, essa cosmologia observa que o cosmo se ordena por contradição, conformando em reciprocidade contínua o próprio vir a ser do cosmo. Assim sendo, a nossa comunicação buscará expor a impermanência, a partir do fluxo, e a interconexão, pela via da *harmonía*, como elementos compositivos do cosmo. Assim, pretendo alcançar uma sabedoria da filosofia de Heráclito que é também um desafio: ouvir o cosmo não como um conjunto de objetos estáticos, mas como uma composição interligada de processos em fluxos contínuos, onde as transformações se mostram no cosmo.

15h20-16h

José Garcia (Mestrando PFI-UFF)

Ebu-lições éticas no pensamento pré-socrático: o engajamento de Heráclito e Demócrito para além do choro e do riso

Ao longo dos séculos, tanto em textos quanto em pinturas, tanto em discursos oratórios e cochichos mercatórios, retratou-se Heráclito e Demócrito através do choro e do riso, respectivamente. Muito já foi dito sobre as pessoas e as ocasiões responsáveis pelos momentos em que tal caricatura veio à tona, como também sobre as possíveis ressonâncias que podem ser pensadas entre tais (re)ações dos dois pré-socráticos e as suas próprias cosmovisões, onde estas são trazidas para explicarem e serem explicadas por aquelas, reciprocamente. Esta fala, por sua vez, visa a ressaltar que, tomando por base a materialidade escrita do que deles chegou até nós, também é possível enxergar, em meio ao emaranhado de seus pensamentos e suas cosmovisões, um contundente engajamento frente ao mundo, que faz-se ver quando nos atentamos devidamente à escaldante ebulição produzida pelos efervescentes fragmentos repletos de vivacidade ética; e ao passo que somos afetados por tal efervescência, sobressai da inércia inicial do choro e do riso um modo de habitar eticamente o cosmo.

16h-18h

Discussão

19 de junho

14h-14h40

Bruno Fernandes (Doutorando PFI-UFF)

Algumas notas sobre o Amor na cosmologia parmenídea

Desde Hesíodo (*Teogonia*, 120) sabemos que após o surgimento de Gaia e Tártaro, há o de Amor. Através do fragmento B13, que compõe a cosmologia do Poema de Parmênides, aprendemos que o Amor foi o primeiro dos Deuses a ter sido gerado. A partir de Platão, no *Banquete* (178b) – uma das fontes para este fragmento, sendo algumas outras, Aristóteles, Plutarco e Simplicio –, temos o conhecimento de que o Amor é a causa dos maiores bens (μεγίστων ἀγαθῶν ἡμῖν αἰτιός ἐστιν). Segundo o comentário de Aristóteles à citação que faz deste verso, em *Metafísica I*, 984b25, o Eleata considerava o Amor como aquele que dá origem a todas as coisas. Após essa breve alusão à genealogia a respeito do Amor e de sua recepção nessas obras da Antiguidade, cabe mencionar o principal objetivo desta apresentação. Investigar, em linhas gerais, o sentido do Amor e o papel que ele desempenha no sistema cosmológico, antropológico e cosmogônico do Poema de Parmênides. Para tanto, seguirei, em um primeiro momento, os esparsos comentários dispostos nesses testemunhos; e em um segundo, viso a explicitar uma hipótese interpretativa de caráter mais reflexivo e autoral.

Palavras-chave: Amor; Cosmologia; Cosmogonia; Opiniões; Parmênides.

14h40-15h20

Josias Israel (Doutorando em filosofia pela PUC-Rio)

Parmênides e o monismo

Dentre as diversas questões relacionadas ao poema de Parmênides, pretendemos abordar a questão sobre o tipo de monismo que o eleata parece propor em seu poema. Algumas leituras sobre a questão foram propostas. Há aqueles autores que defendem que Parmênides está comprometido com um “monismo numérico” ou “monismo real”, ou seja, que apenas uma única coisa existe. Por outro lado, há ainda intérpretes que defendem um “monismo predicativo”, segundo o qual cada coisa só pode ter um único predicado. Há, ainda, os que defendem um “monismo material”, de acordo com o qual todas as coisas são feitas por uma única matéria, isto é, uma matéria particular da qual tudo se formou. A partir da análise dessas leituras e interpretações, não pretendemos oferecer uma palavra final acerca do debate, mas discutir o que, de fato, permite ou permitiu a tradição de estudiosos considerar Parmênides um monista.

Palavras-chave: Monismo; Parmênides; Ser.

15h20-16h

Bias Busquet

Sobre uma renovação da teoria do ciclo cósmico no Poema de Empédocles

A partir de meados do século XX surgiram os primeiros autores que negaram/recusaram a teoria do ciclo cósmico, formulada originalmente por Panzerbieter e consolidada por Zeller ainda no século XIX. Essa teoria estabeleceu e conformou uma perspectiva predominante sobre o ciclo cósmico presente no Poema de Empédocles até o aparecimento de seus primeiros negadores (Solsem, Hölscher, Bollack, Long, Kirk, Raven e Schofield), que apresentaram posições várias e divergentes sobre a conformação do ciclo cósmico empedocleano, mas que tinham em comum a discordância em relação àquela teoria. Portanto, novos caminhos interpretativos foram abertos a partir da negação proposta pelos nomes já mencionados, possibilitando uma nova perspectiva acerca do ciclo cósmico no Poema empedocleano. A partir desse cenário, apresento a minha perspectiva de interpretação como uma tentativa de ampliar o debate sobre o ciclo cósmico de Empédocles, a qual se distingue tanto dos apoiadores da teoria do ciclo como dos seus negadores, usando do conceito de harmonia (*harmonía*) como meio para a reconsideração dessa teoria tal como concebida pelo autor. Este conceito não só estrutura a mecânica do cosmo em Empédocles, como também fundamenta sua filosofia moral.

16h-18h

Discussão